

PONTIFÍCIO ATENEU SANTO ANSELMO

Faculdade de Teologia

INSTITUTO SÃO PAULO DE ESTUDO SUPERIORES

Exegese: A CURA DO CEGO DE NASCENÇA

Caio Oliveira Bueno

Lucas Raul de Faria

Literatura Joanina e Cartas Católicas

Prof. Shigeyuki Nakanose

SÃO PAULO 2022

EXEGESE: JO 9,1-41

1. Introdução

A perícope da cura do cego de nascença (Jo 9,1-41) está inserida no Livro dos Sinais do Evangelho de João. Trata-se do terceiro sinal. Jesus e o cego estão no centro de uma narrativa feita de várias camadas, composta pela comunidade joanina num contexto de hostilidades e perseguições por parte dos judeus-fariseus e do império romano. Buscaremos, pois, compreender a mensagem que a comunidade desejava transmitir no seu tempo para, depois, questionarmos em que o texto ainda é atual e ajuda nossas comunidades eclesiais missionárias, para uma pastoral bíblica que seja fonte de vida para o povo.

2. Delimitação do texto: Jo 9, 1-41

¹Ao passar, ele viu um homem, cego de nascença. ²Seus discípulos lhe perguntaram: "Rabi, quem pecou, ele ou seus pais, para que nascesse cego?"

³Jesus respondeu: "Nem ele nem seus pais pecaram, mas é para que nele sejam manifestadas as obras de Deus.

⁴Enquanto é dia,

temos de realizar as obras daquele que me enviou

vem a noite,

quando ninguém pode trabalhar.

⁵Enquanto estou no mundo,

Sou a luz do mundo".

⁶Tendo dito isso, cuspiu na terra, fez lama com a saliva, aplicou-a sobre os olhos do cego ⁷e lhe disse: "Vai lavar-te na piscina de Siloé – que quer dizer "Enviado". O cego foi, lavou-se e voltou vendo claro.

⁸Os vizinhos, então, e os que estavam acostumados a vê-lo antes, porque era mendigo, diziam: "Não é esse que ficava sentado a mendigar?" ⁹Alguns diziam: "É ele". Diziam outros: "Não, mas alguém parecido com ele", Ele, porém, dizia: "Sou eu mesmo". ¹⁰Perguntaram-lhe, então: "Como se abriram teus olhos?"

¹¹Respondeu: "O homem chamado Jesus fez lama, aplicou-ma nos olhos e me

disse: Vai a Siloé e lava-te. Fui, lavei-me e recobrei a vista". ¹²Disseram-lhe: "Onde está ele?" Disse: "Não sei".

¹³Conduziram o que fora cego aos fariseus. ¹⁴Ora, era sábado o dia em que Jesus fizera lama' e lhe abria os olhos. ¹⁵Os fariseus perguntaram-lhe novamente como tinha recobrado a vista. Respondeu-lhes: "Ele aplicou-me lama nos olhos, lavei-me e vejo". ¹⁶Diziam, então, alguns dos fariseus: "Esse homem não vem de Deus, porque não guarda o sábado". Outros diziam: "Como pode um homem pecador realizar tais sinais?" E havia cisão entre eles. ¹⁷De novo disseram ao cego: "Que dizes de quem te abriu os olhos?" Respondeu: "É profeta".

¹⁸Os judeus não creram que ele fora cego enquanto não chamaram os pais do que recuperara a vista ¹⁹e perguntaram-lhes: Este é vosso filho, que dizeis ter nascido cego? Como é que agora ele vê?" ²⁰Seus pais então responderam: "Sabemos que este é nosso filho e que nasceu cego. ²¹Mas como agora ele vê não o sabemos; ou quem lhe abriu os olhos não o sabemos. Interrogai-o. Ele tem idade. Ele mesmo se explicará". ²²Seus pais assim disseram por medo dos judeus, pois os judeus já tinham combinado que, se alguém reconhecesse Jesus como Cristo, seria expulso da sinagoga. ²³Por isso, seus pais disseram: "Ele já tem idade; interrogai-o".

²⁴Chamaram, então, a segunda vez, o homem que fora cego e lhe disseram: "Dá glória a Deus!" Sabemos que esse homem é pecador": ²⁵Respondeu ele: "Se é pecador, não sei. Uma coisa eu sei: é que eu era cego e agora vejo. ²⁶Disseram-lhe, então: "Que te fez ele? Como te abriu os olhos? ²⁷Respondeu -lhes: "Já vos disse e não ouvistes. Por que quereis ouvir novamente? Por acaso quereis também tornar-vos seus discípulos?" ²⁸Injuriaram-no e disseram: "Tu, sim, és seu discípulo; nós somos discípulos de Moisés. ²⁹Sabemos que Deus falou a Moisés; mas esse, não sabemos de onde é". ³⁰Respondeu-lhes homem: "Isso é espantoso: vós não sabeis de onde ele é e, no entanto, abriu-me os olhos! ³¹Sabemos que Deus não ouve os pecadores; mas, se alguém é religioso e faz a sua vontade, a este ele escuta. ³²Jamais se ouviu dizer que alguém tenha aberto os olhos de cego de nascença. ³³Se esse homem não viesse de Deus, nada poderia fazer". ³⁴Responderam-lhe: "Tu nasceste todo em pecados e nos ensinas?" E o expulsaram.

³⁵Jesus ouviu dizer que o haviam expulsado. Encontrando-o, disse-lhe: "Crês no Filho do Homem?" ³⁶Respondeu ele: "Quem é, Senhor, para que eu nele creia?" ³⁷Jesus lhe disse: "Tu o vês, é quem fala contigo". ³⁸Exclamou ele: "Creio, Senhor!" E prostrou-se diante dele.

³⁹Então disse Jesus:

Para um discernimento

é que vim a este mundo:

para que os que não veem, vejam,

e os que veem, tornem-se cegos".

⁴⁰Alguns fariseus, que se achavam com ele, ouviram isso e lhe disseram:

"Acaso também nós somos cegos?"

⁴¹Respondeu-lhes Jesus:

Se fosseis cegos,

não teríeis pecado;

mas dizeis: 'Nós vemos!'

Vosso pecado permanece."

3. Estrutura

1. Jesus, os discípulos e o cego (1-7)

2. O cego curado e seus conhecidos (8-12)

3. Os judeus-fariseus e o cego curado (13-17)

4. Os judeus e os pais (18-23)

5. Os judeus-fariseus e o cego curado (24-34)

6. Jesus e o cego curado (35-38)

7. Jesus e os fariseus (39-41)

4. Sinalização

Cego; Luz do mundo; Trevas; Lama; Siloé

5. Análise Semântica

Cego: a cegueira é uma condição que, nos nossos tempos, causa muitos impedimentos e, sem dúvidas, uma série de desconfortos. Quanto mais era difícil a vida de um cego no antigo oriente próximo no primeiro século da era cristã! Sem condições para desenvolver algum tipo de trabalho, restava-lhe viver como pedinte à beira da estrada. Ademais, na sociedade de Israel a cegueira era considerada um castigo divino, posto que impedia o estudo da *Torah* (cf. Dt 28,29). No Evangelho de Mateus, em vários episódios Jesus afirma que os fariseus são cegos (cf. Mt 15,14; 23,16.24.26).

Lama: na antiguidade acreditava-se nos poderes curativos da saliva, de modo que Jesus utiliza-se de uma prática popular. Ela é a energia vital que unida à terra, forma a lama, assim como o sopro divino uniu-se à terra na criação do ser humano (cf. Gn 2).

Siloé: o nome da piscina significa “Enviado”. O cego que se lava na piscina de Siloé recupera sua visão; do mesmo modo, o Enviado messiânico ilumina a compreensão acerca da identidade do Pai.

Luz do mundo: “mundo” é uma expressão utilizada para designar os judeus-fariseus e o império romano, duas realidades persecutórias. Para a comunidade de João, Jesus é quem deve os iluminar e, portanto, é superior aos seus perseguidores.

Trevas (Noite): em contraposição à luz, portanto, as trevas representam as autoridades político-religiosas do final do primeiro século da era cristã.

6. Análise Literária

De acordo com Almeida (2012 pp. 22-29), a perícope do cego de nascença apresenta-se na forma narrativa, composta pela cura de um cego na piscina de Siloé e por diálogos. O diálogo tem um aspecto teológico entre Jesus e seus discípulos e sob a forma jurídica. As duas partes são intimamente ligadas e formam uma unidade Joanina simples de narração e discurso.

A perícope (Jo 9,1-41) é o relato de um milagre que envolve um lugar, fora do Templo; uma circunstância, Jesus viu o cego; um tempo, era sábado. Os personagens: Jesus e os discípulos, Jesus e o cego, os vizinhos entre eles, os vizinhos e o cego. Todos desempenham seus papéis respectivos, com interação entre eles, elementos próprios do gênero narrativo.

A história do milagre é claramente e convenientemente colocada no início do capítulo (Jo 9,1-7) seguida da reação dos que constataam a cura. O relato do milagre segue os três passos básicos: 1) a apresentação do problema (o encontro de Jesus com o enfermo com uma breve descrição da doença e de sua durabilidade); 2) o ato da cura (em geral envolvendo uma palavra ou gesto de Jesus); 3) a demonstração da cura (com a reação dos que a assistem).

Esse modelo completo de gênero literário está presente nos sete primeiros versículos do capítulo 9 de João: 1) Jesus vê um homem, cego de nascença (Jo 9,1; 2) a iniciativa parte de Jesus que emprega gestos, cospe na terra, aplica barro aos olhos do cego, (Jo 9,6) e uma ordem: “Vai lavar-te na piscina de Siloé” (Jo,9,7), para curá-lo e 3) após obedecer, o cego passa a enxergar (Jo 9,7), segue-se a reação dos vizinhos.

Quando se detém com um olhar mais aprofundado sobre a perícope constata-se que é possível isolar o núcleo primitivo do relato sem nenhum dano da forma propriamente dita do milagre (Jo 9,1-7). Percebe-se que os detalhes da forma de um milagre, não estão igualmente distribuídos ao longo dos vv. 1-7, mas se concentram apenas nos vv. 1.6-7. Uma outra observação que se relaciona bem com essa percepção da crítica da forma é que os vv. 2-5 contêm um diálogo que não é típico de história de um milagre, mas sim claramente marcado pelo vocabulário teológico de João.

Aos discípulos que conveniente e repentinamente reaparecem em cena, questionando sobre de quem é a culpa do homem ter nascido assim e que emitem concepções errôneas, Jesus responde mudando o foco da história da causa da cegueira para o seu objetivo último no plano de Deus: “para que nele sejam manifestadas as obras de Deus.” Após ter colocado o tema típico Joanino da revelação de Deus agindo nele, Jesus aponta para a urgência de realizar as obras “enquanto é dia” enquanto durar a sua missão no mundo, isto é, antes que a noite de sua paixão e morte ponha um fim ao seu ministério (Jo 9,4). Tudo vai conduzindo para a grandiosa e verdadeira natureza de Jesus, ecoando Jo 8,12: “enquanto estou no mundo sou a luz do mundo” (Jo 9,5).

Com grande habilidade o evangelista então utiliza uma oração conectiva “Tendo dito isso” para voltar à história básica da cura. Deste modo, a linguagem, o estilo e o conteúdo teológico de Jo 9,2-5, tudo é perfeitamente Joanino e pode ser tirado de Jo 9,1-7 sem prejudicar qualquer parte essencial da história do milagre. Por isso, é bem provável que os versículos Jo 9,1.6-7 representem o núcleo primitivo da cura do cego de nascença.

No entanto, pode-se ter uma razoável certeza de que em Jo 9,1.6-7 está o coração da mais antiga versão disponível dessa história de milagre. A cura do cego de nascença, não é uma criação do evangelista. É certo que todo o capítulo 9 constitui uma peça tão grande e complicada de arte literária e teológica que se deve supor a existência de vários estágios de redação e tradição entre a primitiva história do milagre apresentada em Jo 9,1.6-7 e o importante tratado de teologia Joanina que é o capítulo 9.

A história original tem semelhanças com outras curas que circulavam na tradição oral, por exemplo: Mc 8,22-26 e Mc 10,46-52, mas a dispersão entre os motivos por diferentes histórias de diferentes correntes da tradição oral supõe que Jo 9,1.6-7 não se baseia em nenhuma delas. Admite-se a possibilidade de ser uma história independente escrita antes da composição do Evangelho.

Tudo o que segue não relata a história do milagre em si, mas do debate cada vez mais animado sobre a realidade do milagre e a alegação de, ao curar, Jesus violar o sábado. Este é provavelmente um acréscimo à história do milagre. Funciona como um trampolim, para o desenvolvimento na controvérsia sobre quem é Jesus, aquele que cura, mas viola o sábado. Este assunto está

impregnado da teologia Joanina e revela o conflito existente entre a Igreja de João e a Sinagoga Judaica.

7. Hermenêutica

Vimos que a cura do cego de nascença faz vir à tona a realidade vivida pela comunidade joanina no seu conflito com o “mundo”, isto é, os judeus-fariseus e o império romano. De maneira particular, aparece a questão da violação da lei do sábado. Portanto, o conflito desvelado refere-se, particularmente, aos seguidores de Jesus em relação ao grupo dos fariseus. Considerando que a cegueira se tratava de uma condição que relegava a pessoa à marginalização e a miséria, e que, frente ao milagre, o que chama a atenção dos circunvizinhos é o fato do mesmo ter violado o repouso sabático, então a questão que se coloca no plano de fundo da narrativa é: o que vale mais, a Lei ou a vida?

Neste sentido, cabe refletirmos sobre a nossa relação com a consciência moral na prática pastoral. Sabemos que, historicamente, a Moral passou por revoluções (modificações) no seio da Igreja. Embora tenha nascido como disciplina apenas da idade média com os manuais do século XVI, isto não nega que, desde a origem, o cristianismo se preocupou com uma ética cristã. De modo que, resumidamente, passamos por três fases, que refletiremos a seguir.

A primeira fase pode ser considerada a da “mistagogia”. Nos primeiros séculos, a pessoa era batizada após um encontro com o anúncio de Jesus Cristo que revela não um Deus-poderoso-castigador, mas um Deus-amor-doação que, para servi-lo, pede que também sirvamos uns aos outros, mudando a lógica da honra e das vantagens pessoais.

Mais tarde, surgem as penitências como recomendação, particularmente dos monges do V século, para a superação das incoerências. Acontece que, com os irlandeses, a partir do século VIII as penitências passam a ser como que “tarifas” para expiar os pecados. Passa-se, então, para a segunda fase, a da expiação. Esquece-se que a penitência é uma pedagoga para dar-lhe a função de expiadora dos pecados.

Após muita reflexão, com destaque para Santo Afonso Maria de Ligório, que pregava um caminho de retorno à mistagogia, isto é, para o aprendizado do amor

de Deus que leva à coerência de vida, no Concílio Vaticano II a Igreja entra na terceira fase da ética cristã, que reflete sobre a consciência como sacrário secretíssimo e inviolável no qual a pessoa humana escuta a voz de Deus que o impele a fazer o bem e afastar-se do mal (GS 16).

Não raras vezes, porém, constatamos na prática pastoral que ainda não superamos aquela fase medieval. Insistimos na aplicação cega do Direito, espalhamos listas de pecados para os jovens marcarem quais foram suas faltas em relação aos mandamentos de Deus e da Igreja, impedimos arbitrariamente que alguns participem mais ativamente da comunhão eclesial por não cumprirem este ou aquele cânone sem considerar seu contexto vital. Enfim, muitos outros são os exemplos que revelam o nosso farisaísmo enquanto pastores que, esquecendo a promoção da vida proposta por Jesus, nos apegamos ao rigor e frieza das letras. Nos tornamos, então, cegos. Pior que isso, formamos uma multidão de cegos, incapazes de enxergarem a beleza da criação, da comunhão fraterna e da liberdade oferecida pelo Redentor. Vale trazer a contribuição de Hannah Arendt que cunhou o conceito de “banalidade do mal” na sua obra *Eichmann em Jerusalém* para se referir à não reflexão da ação, ainda que seja o cumprimento da Lei, como faziam os funcionários do partido nazista que ao executarem as ordens do governo, levavam uma multidão de inocentes à morte.

A cura do cego de nascença realizada pela unção com o barro e saliva (nova criação) e pelo banho na piscina do Enviado (assumir a missão e o destino de Jesus de Nazaré), nos aponta para a necessidade de acompanhar as pessoas na pastoral de maneira individual, considerando sua história e seu contexto vital, ajudando-as na integração de suas demandas e levando-as ao verdadeiro encontro com o amor de Deus, o que deverá ser o seu critério moral. Por isso mesmo, após a cura, seus pais questionados pelos fariseus respondem: “Interrogai-o. É maior de idade”. Ou seja, o batizado deve ser livre e responsável nas escolhas que faz.

Portanto, cuidemos para que não caiamos na tentação de substituímos consciências, formarmos pessoas cegas, incapazes de fazerem escolhas coerentes, mas procuremos ajudá-las a um verdadeiro encontro com o Cristo que é superior aos nossos critérios e convenções, para que a luz dele as ilumine nas estradas da vida.

8. Referências Bibliográficas:

ALMEIDA, Maria Aparecida de Andrade. *Profeta e luz: categorias intercambiáveis para consolidar a identidade de Jesus na literatura joanina*. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2012.

A.N. O. Battaglia. Comentário ao Evangelho de São João, Vozes, Petrópolis 2000.

C. Doglio, Literatura Joanina, Vozes, Petrópolis 2020.

C. V. Malzoni, Evangelho segundo João, Paulinas, São Paulo 2018.

D. Bergant, R. J. Karris, orgs, Comentário Bíblico: evangelhos, atos, cartas e apocalipse, Loyola, São Paulo 1999.

Bíblia de Jerusalém, Paulus, 2002.

L. Devillers, A Saga de Siloé: Jesus e a festa das tendas (João 7,1-10,21), Paulinas, São Paulo 2015.

Nova Bíblia Pastoral, Paulus, São Paulo 2014.

X. L. Dufour, Leitura do Evangelho Segundo João, Loyola, São Paulo 1996.

HUNTER, A. M. Saint Jean Témoin du Jésus de l'Histoire, Editeur Cerf, 1970.